

Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

9 de abril

Considerações críticas sobre a noção de geo-estética

por José Bragança de Miranda

Pare, re-pare, repare melhor.

O “reparar” enquanto tática e a

“secalharidade” enquanto poética

por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

Moderador: João Pedro Cachopo

16 de abril

Artes e reparações do mundo

por Silvina Rodrigues Lopes

A política da forma e as suas condições

por António Guerreiro

Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

14 de maio

Devagar, a poesia por Rosa Maria Martelo

As artes e a formação histórica dos

sentidos humanos por Manuel Gusmão

Moderadora: Emília Pinto de Almeida

28 de maio

Arte, dispositivos e operações

por Teresa Cruz

Será possível uma crítica de arte

que não utilize categorias clínicas?

por Nuno Nabais

Moderador: Filipe Pinto

11 de junho

Música da língua, língua da música

por Mário Vieira de Carvalho

Políticas da interpretação no teatro

de ópera por Paulo Ferreira de Castro

Moderador: Manuel Deniz Silva

25 de junho

As políticas da arte e a questão

dos museus por Luiz Camillo Osorio

Quão subversivas serão as manchas

de verdura? por João Queiroz

Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política entre as Artes* pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspetiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do

modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspetiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

Devagar, a poesia

por Rosa Maria Martelo

Partilhando o entusiasmo generalizado com a aceleração da vida nas grandes metrópoles, nos inícios do século XX os poetas modernistas e vanguardistas exaltavam com frequência a velocidade na (e da) poesia. Cerca de cem anos depois, tudo indica que este quadro de referências se alterou substancialmente e que agora a poesia valoriza mais a desaceleração, reivindicando um tempo lento, contemplativo. Mais do que um lugar *en avant*, a poesia prefere procurar o intervalo, a interrupção. Como e porquê isto acontece? Como devemos entender esta inflexão? Ela tem um significado político? Envolve uma aproximação entre a poesia e as artes visuais? – Eis as questões orientadoras da reflexão que irei propor.

Rosa Maria Martelo é ensaísta e professora do departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da FLUP. Trabalha preferencialmente nas áreas das poéticas modernas e contemporâneas, da literatura portuguesa, e da literatura comparada (estudos interartísticos). Publicou, entre outros, os livros *A Forma Informe – Leituras de Poesia* (2010) e *O Cinema da Poesia* (2012). Coordena a rede de pesquisa internacional *LyraCompoetics*.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

CONFERÊNCIA 3

Entrada gratuita Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

As artes e a formação histórica dos sentidos humanos por Manuel Gusmão

Maneiras de traçar a fronteira da modernidade estética. Uma fronteira que se ramificasse: Lautréamont/Ducasse: Rimbaud e Mallarmé, a prioridade concedida a Baudelaire por W. Benjamin.

Jacques Rancière e a destituição da modernidade estética. O Regime Estético das artes. A hipótese da partilha do sensível. Uma outra hipótese, trabalhando a partir de algumas intuições de Marx. As artes e a formação histórica dos sentidos humanos.

Manuel Gusmão é poeta, ensaísta e tradutor. Desde 2006, é professor catedrático aposentado. Desenvolveu trabalho nas áreas da Literatura Portuguesa, da Literatura Francesa e da Teoria da Literatura. São de sua autoria os livros *Finisterra. O Trabalho do Fim: recitar a origem* (2009), *Tatuagem & Palimpsesto – da poesia em alguns poetas e poemas* (2010) e *Uma Razão dialógica – Ensaios sobre literatura, sua experiência do humano e a sua teoria* (2011).

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest